



UMA RECENTE PESQUISA DO IBGE REVELOU QUE 30% DOS LARES BRASILEIROS SÃO CHEFIADOS PELAS MULHERES. MESMO ENTRE AS CASADAS, O COMANDO FINANCEIRO FEMININO CRESCEU DE 2,6% PARA 8,3% NOS ÚLTIMOS 11 ANOS.



ENTRE OS FATORES DE MUDANÇA NA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR, O IBGE APONTA A EDUCAÇÃO COMO PRIMORDIAL. ENTRE PESSOAS COM MAIS DE DOZE ANOS DE ESTUDO, AS MULHERES REPRESENTAM 56% CONTRA 43% DOS HOMENS.



MAS ESSE PODER FEMININO ESTÁ CRESCENDO À CUSTA DA SOBRECARGA DE TRABALHO. ELA É COBRADA PARA SER COMPETENTE NA ADMINISTRAÇÃO DA CASA, NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS E NO TRABALHO REMUNERADO.



OUTRAS DUAS PESQUISAS RECENTES REALIZADAS NOS EUA MOSTRAM QUE OS HOMENS SÃO MAIS FELIZES DO QUE AS MULHERES.



EMPODERAMENTO FEMININO Mais uma vez as mulheres estão na pauta do dia. Uma recente pesquisa do IBGE revelou que 30% dos lares brasileiros são chefiados pelas mulheres. Mesmo entre as casadas, o comando financeiro feminino cresceu de 2,6% para 8,3% nos últimos 11 anos. Segundo a coordenadora da pesquisa Ana Lúcia Sabóia, este fato é um reflexo do “empoderamento” das mulheres, que passaram a ganhar mais ao assumir cargos de gerência e integrar-se mais ativamente na vida social. Por outro lado, este fenômeno reflete também o problema do desemprego e da carência de renda dos homens.

MULHERES NO COMANDO A nova condição feminina de chefia nos lares nacionais, predomina em 91,9% das residências onde elas vivem sem marido e em 8,3% nas casas onde existe um parceiro do sexo masculino. As mulheres estão ganhando mais e pagando a maior parte das contas domésticas. Segundo o IBGE, o total de mulheres que chefiam o lar subiu de 10,3 milhões em 1996 para 18,5 milhões em 2006, uma alta de 79% contra apenas 25% de crescimento da participação dos homens no mesmo período. Também cresceu o percentual de domicílios com mulheres com filhos e sem marido – 15,8% em 1996 para 18,1% em 2006.

MULHER É MAIS PRÁTICA A crescente participação da mulher no mercado de trabalho reflete um processo de evolução cultural no país. A analista do IBGE, Ana Lúcia Sabóia, avalia que as mulheres avançaram em espaços no mercado de trabalho antes restritos aos homens, o que possibilitou o aumento do seu rendimento e do número de domicílios chefiados por elas. A manicure Luciene Oliveira, por exemplo, ganha três vezes mais do que o marido, que é auxiliar de almoxarifado do Detran. Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo ela afirmou não ter nenhum problema com essa questão de salário. Segundo ela “(...) conversamos bastante sobre as contas (...) quando discordamos, a palavra final acaba sendo minha (...) acho que em todas as famílias é assim porque a mulher é mais decidida, mais prática e acaba decidindo melhor”.

MAIS DIVÓRCIOS E MENOS CASAMENTOS Outra revelação interessante da pesquisa do IBGE é o fato dos homens divorciados se casarem mais do que as mulheres na mesma situação. Da mesma forma, os viúvos e separados estão mais propensos a novas uniões registradas em cartório do que os solteiros. Os divórcios cresceram num ritmo maior do que os matrimônios numa proporção de 7,4% nas separações contra 3,6% de casamentos.

ESCOLARIDADE E MUDANÇA Entre os fatores de mudança na

organização familiar os pesquisadores do IBGE apontam a educação como primordial. E os números da escolarização demonstram isso. Entre pessoas com mais de doze anos de estudo, as mulheres representam 56% contra 43% dos homens. A mesma equação repete-se entre os que cursam o ensino superior; são 57,5% de mulheres contra 42,5% de homens. Com mais escolaridade, a mulher sente-se mais confortável para dizer que é pessoa de referência. Contudo, esse poder feminino está crescendo à custa da sobrecarga de trabalho. Ela é cobrada para ser competente na administração da casa, na educação dos filhos e no trabalho remunerado. Segundo a socióloga da Universidade Federal da Bahia, Petilda Vazquez, “(...) a mulher é suporte do mundo, agora só precisa tomar posse”.

HOMENS TRABALHAM MENOS E RELAXAM MAIS Outras duas pesquisas recentes realizadas nos EUA mostram que os homens são mais felizes do que as mulheres. O trabalho desenvolvido por economistas da Universidade da Pensilvânia demonstra que no início dos anos 70, as mulheres diziam-se um pouco mais felizes que os homens. Hoje, houve uma inversão. Ao analisar dados dos últimos quarenta anos, foi observado que desde 1960 os homens têm reduzido o tempo com atividades que consideram desagradáveis. Hoje eles trabalham menos e relaxam mais. No mesmo período, as mulheres substituíram os trabalhos domésticos pelo trabalho remunerado e estão passando quase tanto tempo quanto no passado fazendo coisas que não lhes dão prazer.

A LISTA DAS MULHERES É MAIOR Essa tendência remete à idéia da segunda jornada de trabalho. Segundo a socióloga Arlie Hochschild o que mudou “(...) é que hoje as mulheres têm uma lista muito maior de coisas a fazer do que no passado. Elas não conseguem fazer tudo, e muitas terminam por sentir que estão deixando a desejar”. Para Betsey Stevenson, da Universidade da Pensilvânia, a melhor tradução do dilema das mulheres contemporâneas pode ser definido nas palavras de uma jovem estudante: “(...) o objetivo da minha mãe era ter um belo jardim, uma casa bem cuidada e filhos que se saíssem bem na escola. Eu também quero tudo isso, mas também quero ter uma ótima carreira profissional e exercer um impacto no mundo”. Parece que o ponto de equilíbrio entre homens e mulheres, trabalho e lazer, educação e liberdade ainda está longe de ser alcançado. Mas pelo menos já sabemos que não gostamos de opressão, não aceitamos a violência e detestamos a dominação. Agora é enfrentar essa multiplicidade de ações que nós mesmas nos impusemos e tratar de reduzir nossa jornada sem culpa e sem medo.